



Pela defesa do *Voto Nulo Programático* contra os partidos da burguesia e os partidos reformistas e centristas que arrastam as massas a deixar de pé a ditadura da burguesia contra o proletariado e demais oprimidos

Mais uma vez, as massas exploradas e oprimidas são convocadas a escolher um novo governo burguês, encarregado de administrar os interesses gerais da burguesia. A disputa eleitoral reflete os choques permanentes entre as diferentes frações que constituem a burguesia nacional por se impor no comando do Estado e, desde ali, impor seus interesses particulares como dominantes nas decisões econômicas e políticas, negociando no Congresso e por meio de acomodações permanentes no interior das instituições visando preservar os interesses do conjunto das frações da burguesia. Por cima dessas frações, age a burguesia imperialista e monopolista que impõe seus interesses se ajustando à disputa inter-burguesa ou se impondo de forma autoritária a essa quando seus interesses são entravados pelas relações de força surgidas da democracia formal burguesa.

Essa é a verdadeira natureza de classe e a real dinâmica política que surgem das eleições burguesas que nada mais são que uma das formas adequadas da ditadura de classe da burguesia sobre os explorados oprimidos. Entretanto, estes são enganados por seus caudilhos e pelos partidos da ordem burguesa lhes fazendo

acreditar que seu voto é soberano, que decidirá qual a política econômica e as medidas sociais e políticas que o novo governo eleito tomará, que exercem soberania ao decidir os rumos do país por meio do voto no candidato de sua preferência. São enganados ainda quando lhes apresentam dezenas de candidatos “alternativos” (à direita e até ditos “socialistas”), que representam a maior democracia representativa à que podem almejar. Sobretudo, se lhes mentem e enganam quando desde 2022 – pelo menos – são arrastadas a creditarem que a polarização eleitoral da política burguesa diz respeito a escolher entre a democracia e o avanço do autoritarismo fascizante. Cumpriram-se 10 anos desde o golpe de estado por meio do Congresso e ajustado aos preceitos jurídicos da Constituição que removeu Dilma Rousseff e impôs o governo de Michel Temer. Da democracia surgiram as vias golpistas e as tendências fascizantes que consolidaram o avanço da ultradireita. Bastaria apenas esse exemplo para demonstrar que a polarização eleitoral não é entre democracia x autoritarismo fascizante. E que apesar de eleito, um governo pode ser removido também “democrática” e “constitucionalmente”. Tudo isso porque quem controla o processo é

a burguesia, nunca as massas.

Ora, claro que Lula e Bolsonaro não são iguais. Mas, sim são duas variantes de governo das quais pode se valer a burguesia para manter sua ditadura de classe contra o proletariado e os demais oprimidos. O que diferencia a candidatura bolsonarista é que propõe aplicar as violentas contrarreformas exigidas pelo imperialismo contra as condições de vida das massas e saque de riquezas e recursos com uma maior centralização autoritária das instituições, maior entreguismo e subordinação completa aos ditames dos EUA, ou seja, restringindo ao máximo a “regulamentação democrática” dos conflitos entre as classes antagônicas. A Frente Ampla burguesa de Lula/Alckmin pretende aplicar as mesmas políticas ditadas pelo imperialismo, mas negociando aspectos dessas que beneficiem minimamente a entrega de migalhas e ampliar o assistencialismo para evitar a explosão da luta de classes por meio da imposição da centralização e estatização das organizações de massa. Essa distinção, porém, não é de essência, mas de método. Qual será o método escolhido pela burguesia em determinado momento para preservar seus lucros é que decidirá o apoio das

frações da burguesia a um candidato ou outro. Mas, ambos cumprirão seu papel de agentes dos interesses gerais da burguesia.

Está aí o conteúdo político objetivo da polarização eleitoral ao redor de dois caudilhos que surgiram por fora dos partidos tradicionais da burguesia. A “excepcionalidade” da polarização eleitoral, desde 2018, reside em que duas figuras que representam setores e frações do proletariado e da pequena burguesia ganharam influência e ascendência eleitoral constituindo uma rede de apoios e alianças com setores da grande e média burguesia, da burocracia estatal, pequenos e médios comerciantes, funcionários públicos etc. Por trás dessa contraditória realidade histórica e política ergue-se a ofensiva do governo trumpista contra as nações oprimidas e para influir diretamente no resultado das eleições, como já fez em Honduras, Paraguai, Argentina, Equador e Peru. Daí que, como dizemos mais acima, o resultado eleitoral pode ainda vir a sofrer novas alterações, seja antes ou depois das eleições. O que não se modificará é que, qualquer que seja o governo burguês eleito, será de ataques contra as condições de vida das massas exploradas e oprimidas, de aprofundamento do saque das riquezas etc.

É dentro do quadro da democracia formal burguesa que os partidos centristas e revisionistas do marxismo e do socialismo desenvolvem sua política democratizante e eleitoreira. Eles são uma das expressões mais radicalizadas das ilusões democráticas, uma vez que se constituem como aparelhos partidários submetidos às leis da burguesia que lhes obriga a mudar seu conteúdo programático defendendo a democracia e eleições, apresentar candidatos a fazer campanhas ajustadas aos preconceitos democratizantes – não chamando, por exemplo, à derrubada da burguesia –, adaptar sua estrutura partidária interna aos ditames impostos pelas leis burguesas etc. Defendem ser possível um “Governo dos Trabalhadores” e combinar os métodos e as instituições burguesas com os métodos e organizações que surgem da luta de classes contra àqueles. Ou seja, de avançar ao socialismo por métodos e vias próprias da ditadura burguesa. Não fazem campanhas e agitação leninista para mobilizar as massas a intervir no processo eleitoral, não para votar em candidatos socialistas, e sim para que desenvolvam a luta de classes e avancem a sua independência em choque direto, em aberta guerra civil contra a burguesia e seu estado. Parece que lhes importa mais crescer eleitoralmente se submetendo ao jogo democrático-formal burguês mais do que criar as condições para superar as ilusões democráticas e abrir caminho à luta do poder pelo proletariado organizado como classe independente.

É nesse quadro descrito que as massas são mais uma vez arrastadas e direcionadas a escolher seu novo verdugo pelos próximos

quatro anos. Quando um setor das massas rompe instintivamente e se projeta em luta de classes, mas lhes falta sua direção revolucionária que seja capaz de traduzir esse instinto em política e estratégia proletárias, rapidamente se esgotam em medidas explosivas que

“É dentro do quadro da democracia formal burguesa que os partidos centristas e revisionistas do marxismo e do socialismo desenvolvem sua política democratizante e eleitoreira. Eles são uma das expressões mais radicalizadas das ilusões democráticas, uma vez que se constituem como aparelhos partidários submetidos às leis da burguesia (...)”

não mudam o quadro da correlação de forças entre as classes antagônicas e voltam a ser arrastadas pelas ilusões democráticas porque acreditam que não existe mais alternativa que votar o “menos pior” dos candidatos ou votar na esquerda. Outro setor das massas e da pequena burguesia desiludidas com a democracia e que tende se inclinar por resolver a situação com explosões de fúria e ação direta, mas não acham sua direção revolucionária à sua frente, podem acabar na apatia ou servindo de base de manobras à políticas fascizantes que lhes prometem resolver suas condições de existência degradando as do proletariado e dos demais oprimidos. Em grande parte, essas condições explicam o conteúdo objetivo da base social e eleitoral que dão seu

conteúdo à polarização eleitoral atual. Como se vê, petistas e aliados, bolsonaristas e aliados, e partidos reformistas e centristas estão presos a essa lógica eleitoral nascida da polarização burguesa e são seus instrumentos – em maior ou menor medida.

Se o contexto mundial é

de acirramento da ofensiva contrarrevolucionária da burguesia mundial contra as massas e nações oprimidas, de um lado, e contra os estados operários degenerados da Rússia e China fundamentalmente, de outro; portanto, de aberta guerra civil dessa classe em decadência e apodrecida para sobreviver afundando na barbárie a humanidade, cultura e conquistas humanas, o proletariado com caudilho político e direção das massas oprimidas deve romper com os métodos e instituições de seu inimigo de classe e abraçar aberta e decididamente sua estratégia própria de poder e empreender uma guerra civil contra seu inimigo de classe, seu estado e seus governos de plantão.

Como afirma nossa Resolução sobre as Eleições, aprovada na I Conferência do PPRI, em junho deste ano, “o caráter embrionário

de nosso partido” e o fato deste não constituir “uma fração organizada no seio do proletariado (...) nos obriga nas atuais circunstâncias a defender o Voto Nulo Programático, que tem por objetivo utilizar o período da campanha eleitoral para defender os métodos e o programa revolucionários nas condições concretas de isolamento e polarização eleitoral entre partidos burgueses” e pela construção do partido revolucionário do proletariado para cumprir suas tarefas históricas. Trata-se especialmente de superar o “economicismo” semi-anarquista que acredita que basta defender as reivindicações e os métodos da ação direta para que a classe operária, assalariados, camponeses, pequena burguesia arruinada deem um salto em sua consciência de classe sem a subordinar explicitamente à estratégia e ditadura proletárias em oposição à estratégia e ditadura burguesas.

A principal tarefa dos revolucionários é esclarecer perante a vanguarda e as massas que nada de favorável sairá dessas eleições para seus interesses e necessidades. Pelo contrário, deve desenvolver a tática eleitoral leninista pela defesa da unidade das massas ao redor do programa e da estratégia da revolução e ditadura proletárias que, nas condições em que está ausente um verdadeiro partido bolchevique organizando as massas sobre o objetivo da derrubada da burguesia e constituição do governo operário e camponês, somente pode expressar seu conteúdo no **Voto Nulo Programático**.